

**(X) Graduação ( ) Pós-Graduação**

**RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: boas práticas nos anos iniciais do Ensino Fundamental,  
na perspectiva do Ensino Remoto**

**Aline Cristina Feitoza da Silva**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,  
alinefeitoza123@hotmail.com

**Larissa Gasparoto Klein**  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul,  
lari\_klein@hotmail.com

**Adriana de Aquino Pereira Rodrigues**  
UFMS/CPNV  
adri.aqui@yahoo.com.br

**Larissa Wayhs Trein Montiel**  
UFMS/CPNV  
larissa.montiel@ufms.br

## **RESUMO**

Este relato de experiência apresenta o trabalho desenvolvido no primeiro módulo do Programa Residência Pedagógica, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí-MS, com a temática referente a alfabetização na perspectiva do letramento. As atividades de regências foram realizadas em uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental, em uma escola municipal localizada em Naviraí. Nesse contexto, utilizamos os textos que se debruçam sobre a temática visando levantar discussões coletivas sobre alfabetização e letramento. A experiência relatada foi fruto da participação dos residentes em uma série de *lives* intituladas: “Diálogos: boas práticas nos anos iniciais”, tendo como objetivo, contribuir com a formação dos acadêmicos de pedagogia durante a pandemia. As professoras dos anos iniciais relataram as suas experiências nesse período de ensino remoto, apontando as dificuldades enfrentadas, essencialmente, pela nova configuração emergencial de ensino, contribuindo assim para as atividades de regência realizadas pelas residentes, podemos dizer o aporte teórico foi de grande valia para pensarmos em atividades significativas e contextualizadas, bem como que atendessem as configurações do ensino remoto, respeitando todas as normas de segurança e prevenção a saúde, tanto dos estudantes como dos docentes e acadêmicos envolvidos.

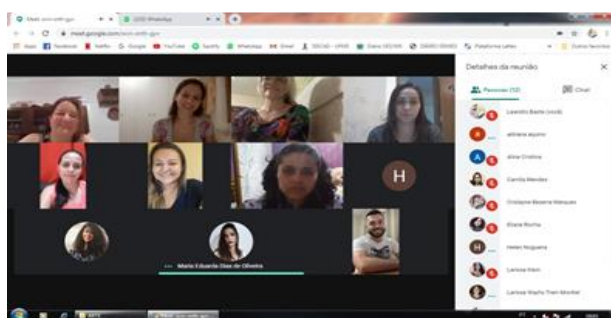
**Palavras-chave:** Ensino remoto; Alfabetização e Letramento, Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

## 1. INTRODUÇÃO

O Programa Residência Pedagógica é uma ação que faz parte da Política Nacional de Formação de Professores, que tem por objetivo propiciar aos acadêmicos dos cursos de licenciatura um contato aproximado com a prática antes mesmo de concluir o curso. Ademais, o programa conta no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS/CPNV) com 1 orientador, 1 preceptor, 8 bolsistas e 2 voluntários, sendo que as intervenções são realizadas em uma escola da rede pública de ensino, outro fator importante é que para ingressar no programa o acadêmico deve ter cursado no mínimo metade do curso de licenciatura.

Iniciamos a Residência Pedagógica em um momento difícil, por conta da pandemia que estamos vivenciando, por esse motivo, tivemos muita insegurança em relação de como seria os encontros, e de como seriam realizadas as regências. Neste sentido, considerando o período pandêmico e a proliferação do vírus covid-19, todas as atividades foram e continuam sendo desenvolvidas remotamente. Desta forma, a primeira reunião foi realizada pela plataforma do *google meet*, um dos serviços do *google* que permite realizar videochamadas em tempo real, onde a professora orientadora e a preceptora da escola campo repassaram as orientações para o desenvolvimento de projeto de regência, assim como, instruções referentes a organização dos dados cadastrais na Plataforma Freire e preenchimento do Sistema de Controle de Bolsas e Auxílios (SCBA).

### Imagem 1: Primeira reunião do Residência Pedagógica pelo *Google Meet*



Fonte: Arquivo das residentes

Neste primeiro momento, a reunião foi realizada com a finalidade de apresentar o Programa Residência Pedagógica, bem como para apresentação da preceptora, a qual está acompanhando o desenvolvimento das atividades planejadas pelos acadêmicos no âmbito

escolar, especificamente em uma turma do 1º ano C da escola municipal de Naviraí-MS. Ademais, os acadêmicos tiveram a oportunidade de se apresentarem e explicar o porquê demonstraram interesse em participar do programa.

Pelo contexto pandêmico, foi explicitado a forma que as atividades seriam conduzidas, ou seja, remotamente, devido a inviabilidade de estar desenvolvendo as propostas de intervenção e estudo teórico presencialmente. Assim, ficou definido que as atividades desenvolvidas dentro da disciplina de estágio obrigatório, contariam como horas para o Programa Residência Pedagógica, sendo essas atividades parte de um relatório de estágio, assim como a participação nas *lives* organizadas pela Gerência de Educação e Cultura de Naviraí-MS (GEMED) e professoras responsáveis pelas orientações do estágio supervisionado, possibilitando o acesso a prática escolar dos professores mesmo a distância.

Este texto apresenta um relato de experiência das atividades desenvolvidas no primeiro módulo do programa e está dividido em seis partes, sendo a introdução, os desafios do ensino remoto, fundamentação teórica, relato de atividades realizadas na regência, a experiência enquanto docente e, por último, conclusão.

## **2. ENSINO REMOTO: DESAFIOS DA PRÁTICA DOCENTE**

A primeira *live* ocorreu dia 12 de setembro de 2020, a qual as apresentações permearam as resoluções e normativas que estão norteando a educação municipal durante as aulas remotas, as *lives* organizadas pela GEMED buscaram propiciar o melhor desenvolvimento possível das atividades diante das normativas estabelecidas. Assim sendo, foi apresentada uma linha do tempo, a qual a primeira Resolução nº 22 foi colocada em vigor no dia 19 de março de 2020, que suspendeu as aulas presenciais e estabeleceu a implantação das aulas remotas, seguindo as orientações das políticas educacionais, como o CNE, bem como as orientações estaduais. Nessa vertente, a resolução ressalta a importância do coordenador pedagógico, o qual ficou responsável por receber o planejamento didático dos professores, referentes as atividades a serem desenvolvidas nas aulas remotas.

Outro fator que engloba a primeira normativa, foi a reorganização do calendário escolar, porém, deixando claro que se as atividades mantivessem a qualidade de ensino, não seria necessário adotar os sábados como dia letivo, ou até mesmo reconstituir as aulas que foram realizadas de forma remota. Dando seguimento a segunda resolução nº 23, abrangia a prorrogação das atividades domiciliares até o dia 3 de maio, enquanto a resolução nº 24

antecipou o recesso escolar e desobrigou a realização dos conselhos de classe, o qual se caracteriza pela reunião de professores; coordenador e diretor para discutir a aprendizagem, notas e faltas de cada aluno de cada turma.

O sistema que controla as notas e faltas dos estudantes, encontra-se de certa forma flexível as necessidades dos educandos, pois nem todos possuem acessibilidade a meios tecnológicos e servidores de internet para realizar o envio das atividades. Posteriormente, a resolução nº 25 também prorrogou as atividades domiciliares até o dia 30 de junho, também foi realizada pela primeira vez a revisão de conteúdo, e organização de uma apostila de apoio, visto que os estudantes não estavam entregando as atividades propostas. Da mesma forma, a resolução nº 26, que foi aplicada no dia 30 de junho, prorrogou as atividades remotas até o dia 31 de julho, e estabeleceu mais tempo para revisão de conteúdo.

Por outro lado, as resoluções nº 27, 29 e 37, visou reorganizar o calendário escolar, orientando os professores, que exemplificassem ao máximo as atividades, já que as crianças tendem a estudar praticamente sozinhas e organizar a sua rotina e ambiente de estudo, ademais foram definidos dias da semana para envio das atividades aos estudantes, usando como critério a separação por componentes curriculares.

Agora que apresentamos as normativas e orientações estabelecidas no início das aulas remotas, podemos refletir sobre as falas das professoras da rede de ensino de Naviraí-MS, que foram convidadas para compartilhar as suas práticas de ensino até aquele momento, assim como, os obstáculos enfrentados e que continuam a enfrentar. Ademais, não visamos apresentar as práticas de todas as professoras que palestraram nas *lives*, mas apenas algumas principalmente as que configuram um relato de experiência.

De início, a professora A, atuante na rede municipal de ensino a 12 anos, em turmas de 1º ao 2º ano, afirmou que neste período, o contato estabelecido foi apenas com os pais, e com a prorrogação das atividades domiciliares, surgiu a preocupação com a proximidade com os alunos, visto que a maioria das crianças não possuíam celular e muito menos acesso à internet.

Desta forma, uma das soluções encontradas pela docente, foi realizar vídeos com linha de transmissão via WhatsApp, com apenas um minuto e meio, objetivando manter algum contato com os seus estudantes, bem como, explicar as atividades em uma linguagem familiar e direta as crianças. Porém, nesse momento já surgiram alguns impasses, pois não havia recursos suficientes para a produção dos vídeos, mas mesmo com todas as dificuldades os vídeos foram gravados, e houve *feedbacks* positivos das famílias.

A professora B, atuante como professora alfabetizadora, em uma turma de 2º ano do

Ensino Fundamental. No início da sua fala, ressaltou que ocorreram inúmeros desafios, como a adequação da prática de ensino, até porque os professores não tiveram um tempo de preparação para atender ao ensino remoto. Além disso, afirmou que as famílias também estão sofrendo, seja por falta de infraestrutura, ou até mesmo falta de tempo para orientar as crianças na realização das atividades.

Também apontou os lados positivos da pandemia, que vem a ser a proximidade entre família e escola, já que agora os pais possuem menos receio de procurar os professores e sanar as dúvidas, assim como a interação entre as crianças e suas famílias. Os pais expuseram suas dificuldades de ofertar acesso ao ensino de seus filhos, então a escola e os professores procuram uma maneira de auxiliar na resolução desses impasses.

A professora C, atuante em uma turma de 2º ano, exercendo a profissão a 11 anos, trouxe discussões a respeito dos processos avaliativos nos contextos das aulas remotas, apresentando alguns desafios como, fazer uso dos meios tecnológicos para desenvolver o ensino e aproximar a turma. Sendo que, optaram por uma avaliação qualitativa, baseada na devolutiva das atividades, bem como na empatia, visando as especificidades de cada aluno.

Quanto ao segundo bimestre, a professora organizou o projeto “Nenhum aluno sem nota”, o qual no final, com a realização de tudo que foi feito pelos estudantes, houve a entrega de um certificado de conclusão bimestral para cada um, como forma de estimular o aprendizado. A partir disso, houve uma adaptação do plano de aula, diminuição das atividades, acompanhamento ao educando, assim como a avaliação *on-line*, por meio de uma ficha de controle.

A partir dos relatos das professoras, podemos observar o quanto foi e está sendo difícil planejar e reorganizar atividades que contemplem uma participação ativa dos estudantes, respeitando as novas normativas que regem o ensino no período da pandemia. Destaca-se, a afetividade é de extrema importância para a consolidação do processo de ensino e aprendizagem, assim manter este importante aspecto é fundamental, mas precisamente difícil, essencialmente, pela distância social que é indispensável para preservação da saúde pública.

Compreende-se que os processos avaliativos, nesse momento também estão incertos, visto que avaliar e diagnosticar o desenvolvimento e percepções dos estudantes sobre as atividades propostas se torna um processo complexo, posto que a distância impede uma maior proximidade entre estudantes-professores, bem como, um acompanhamento pedagógico adequado.

### **3. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Com a finalização das apresentações das *lives*, no dia 25 de janeiro de 2021, ocorreu a nossa quinta reunião, pela plataforma do *google meet*, contamos com a presença da Professora Ilma Saramago, que palestrou sobre alfabetização e letramento como prática social. Nesta reunião contamos com a participação dos acadêmicos participantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, tanto do campus de Naviraí-MS como do campus de Ponta Porã-MS.

Inicialmente, a professora Ilma apresentou a importância da oralidade para aplicar os horizontes da comunicação: executar o pensar; desenvolver a socialização; organizar o pensamento e interpretar o mundo; expressando sentimentos e emoções, expor ideias ou até mesmo argumentar. Posteriormente, citou o trabalho relacionado a psicogênese da língua escrita, obra de Emília Ferreiro, e depois conceituou os termos alfabetização e letramento, sendo que alfabetização é o domínio de códigos de escrita, e o letramento são práticas discursivas (ler e escrever) dentro das práticas sociais. Ademais, a palestrante ressaltou que uma pessoa não alfabetizada pode ser letrada, visto que o letramento é o contato constante e progressivo com as letras, seja por meio de outdoor, placa ou faixa comercial. Entre essas características, o letramento se constitui pela interpretação e prática social (uso da alfabetização no meio social).

Compartilhando da mesma linha de pensamento, Soares aponta que:

Do ponto de vista social, o alfabetismo não é apenas, nem essencialmente, uma condição social; é, sobretudo uma prática social: o alfabetismo é o que as pessoas fazem com as habilidades e conhecimentos de leitura e escrita, em determinado contexto, e é a relação estabelecida entre essas habilidades e conhecimentos e as necessidades, os valores e as práticas sociais (SOARES, 2016, p. 33)

A professora Ilma argumentou sobre os métodos de alfabetização como a soletração; método silábico; fônico e analítico, assim como a discussão gerada em torno desses métodos, já que ultimamente a preocupação dos professores alfabetizadores está no “como ensinar” e não para “quem ensinar”.

Nessa perspectiva, Soares (2016, p. 93) enfatiza que:

[...] “método”, na área de alfabetização, tornou-se um conceito estereotipado: quando se fala em “método” de alfabetização, identifica-se, imediatamente, “método” com os tipos tradicionais de método – sintéticos e analíticos (fônico, silábico, global, etc), como se esses tipos esgotassem todas as alternativas metodológicas na aprendizagem da leitura e da escrita, e mais: se método fosse sinônimo de manual, de artefato pedagógico que tudo prevê e que transforma o ensino em uma aplicação rotineira de procedimentos e técnicas.

Desta forma, acredita-se que o processo de aprendizagem deve ser pensado de forma crítica e reflexiva, indo muito além de um ou outro método, colocando o aluno como centro do processo de ensino. A palestrante afirmou que o desenvolvimento da aprendizagem se dá pelo estímulo do meio, assimilação; acomodação; adaptação; esquemas intelectuais, até resultar no conhecimento; desenvolvimento cognitivo por parte do estudante.

Foi abordado também pela palestrante a teoria da aprendizagem de Vygotsky, sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), a qual se divide entre o REAL (Ambiente alfabetizador, onde a criança aprende, por exemplo: com o contato com a família) e POTENCIAL (Alfabetização que se dá na escola). Apontando que é necessário utilizar técnicas e estratégias de alfabetização, bem como recursos didáticos baseados no concreto como jogos e literatura infantil, todos estes são ricos cenários para o processo de ensino e aprendizagem.

#### **4. ATIVIDADES DE REGÊNCIA**

Por conta da continuação da proliferação do vírus covid-19 e, principalmente, pela dificuldade em realizar a vacinação em toda a população brasileira, as aulas ainda continuam remotas aguardando o momento certo para o retorno em segurança, assim, as atividades de regência também ocorreram remotamente. Antes de tudo, cada dupla ficou responsável por realizar 1 plano de aula de Matemática e 1 plano de aula de Língua Portuguesa, pautados nas habilidades e objetivos presentes na Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Fundamental, destinados a uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, com 26 alunos, de uma escola da rede municipal de ensino de Naviraí/MS.

Nesse sentido, para este momento cada dupla teve que retomar as discussões que foram realizadas a partir do estudo da BNCC, que foi realizado em uma das reuniões do grupo, para então escolher os objetivos e habilidades que melhor se adequassem aos conteúdos que pretendíamos trabalhar com a turma do 1º ano C. Logo, o plano de aula de matemática contemplou a habilidade “(EF01MA04) que visa contar a quantidade de objetos de coleções

até 100 unidades e apresentar o resultado por registros verbais e simbólicos, em situações de seu interesse, como jogos, brincadeiras, materiais da sala de aula, entre outros.” (BRASIL, 2017, p. 16)

Ademais, o objetivo geral da atividade consistia em estimular a quantificação de elementos de uma coleção: estimativas, contagem um a um, pareamento ou outros agrupamentos e comparação, já o objetivo específico foi refletir sobre a escrita e a leitura de números relacionando-os à quantidade, com ênfase no conteúdo de sistema de numeração decimal.

Como recurso didático foi confeccionado o “jogo da centopeia”, que possui 1 tabuleiro feito de papel cartão, um desenho de uma centopeia, sendo que cada círculo que compõe seu corpo tem um 1 número desenhado dentro, que vai do um até o dez, seguindo a sequência numérica, além de 10 fichas, produzidas com cartolinas, as mesmas possuem um símbolo número na frente e bolinhas no verso que representam a quantidade do símbolo.

Dando seguimento, gravamos o vídeo para explicar os objetivos do jogo, assim, as crianças foram orientadas a relacionar as fichas ao símbolo numérico presente no tabuleiro, logo a avaliação ocorrerá mediante a participação dos estudantes na atividade proposta, bem como o retorno das fotos e/ou vídeos da atividade realizada, assim, permitindo verificar se as crianças conseguiram relacionar a quantidade ao símbolo numérico.

### **Imagem 2: Confeção do jogo da centopeia**



Fonte: Arquivo da residente

A segunda atividade é da área de Língua Portuguesa, a qual contemplamos o objetivo “(EF01LP01) que propõe reconhecer que textos são lidos e escritos da esquerda para a direita e de cima para baixo da página” (BRASIL, 2017, p. 34). Isto posto, tivemos como objetivo geral promover e explorar o prazer pela leitura, quanto aos específicos visamos conhecer a



história “João e o pé de feijão” do autor Benjamin Tabart; criar o hábito de escutar histórias; favorecer momentos de prazer; enriquecer o imaginário infantil; favorecer o contato com textos de qualidade literária e valorizar o livro com a fonte de entretenimento e conhecimento.

Os conteúdos que procuramos abordar foi a escuta atenta em situações de leitura e contação de histórias, por meio da utilização do seguinte material didático: a história do João e o pé de feijão em formato de palitoche, copo descartável, 1 feijão, 1 castelo da história impresso, 1 palito e uma nuvem de EVA. Assim sendo, a atividade proposta visou gravar um vídeo para contar a história do João e o pé de feijão em forma de palitoche. Posteriormente, foi entregue a cada criança 1 saquinho, contendo 1 copo descartável, 1 feijão, 1 castelo impresso para as crianças colorirem, um palito de sorvete e uma 1 nuvem em EVA, assim, as crianças foram orientadas a plantar o feijão no copinho descartável que foi entregue, pintar o castelo, colá-lo no palito de sorvete, colar a nuvem entre o palito e o castelo, por último fincar o palito no copo com o feijão plantado, bem como cuidar e regar do feijão para que o mesmo cresça e atinja o castelo que foi fincado no copo.

### **Imagem 3: História do João e o pé de feijão que foi confeccionada**



Fonte: Arquivo da residente

### **Imagem 4: Confeção do material para a atividade de Língua Portuguesa**



Fonte: Arquivo da residente

Neste contexto, também foram confeccionadas caixas de papel cartão, com intuito de entregar todas as atividades propostas de uma forma que incentivasse as crianças a fazerem as atividades, tornando tudo mais lúdico, prazeroso e significativo. Logo, foi marcado um dia na semana para entregar as atividades para os pais e crianças, tudo foi organizado do lado de fora da escola, seguindo todos os protocolos de higienização, ademais a entrega foi realizada pela preceptora, orientadora e alguns residentes. Depois destes momentos, cada dupla esteve gravando os vídeos com as orientações das atividades e contações de histórias, que foram enviados para crianças e os pais, porém seguindo as adequações da preceptora.

**Imagem 5: Caixas confeccionadas**

**Imagem 6: organização das atividades**



Fonte: Arquivo da residente



Fonte: Arquivo da residente

**Imagem 7: Entrega das atividades**



Fonte: Arquivo da residente

## 5. EXPERIÊNCIA DOCENTE

Nossa participação no primeiro módulo do Programa Residência Pedagógica foi gratificante, possibilitando o levantamento de um grande conhecimento prático e teórico, visto que de início o grupo passa por um período de estudos aprofundados, onde a professora orientadora planeja uma sequência de leituras que promovem diversas discussões acerca da alfabetização e letramento, não só de Língua Portuguesa, mas também de Matemática.

O diferencial do programa é que conta com a presença da professora preceptora, a qual está em contato constante com a docência na Educação Básica, fato que permite nos momentos de leitura, reflexão e discussão, associar a teoria ou a temática que está sendo abordada às experiências vivenciadas pela professora, que traz diversos exemplos da sala de aula, permitindo uma relação mais aproximada entre a teoria e prática, tornando a aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Outra rica fonte de conhecimento foi a regência, a qual propiciou colocar em prática todo o estudo que foi direcionado a alfabetização e letramento, posto que para a realização dos planos de aula foi necessário relembrar discussões anteriores, relacionar a leitura dos textos, para enfim planejar com sabedoria, atentando-se a cada detalhe, de forma que as atividades sejam significativas e prazerosas para as crianças. Também, a satisfação foi imensa ao receber um retorno positivo das atividades que foram realizadas, principalmente, porque as crianças realizaram todas as atividades propostas e percebe-se o quanto foi prazeroso e significativo para elas.

**Imagem 8: Aluna dando retorno da atividade**

**Imagem 9: O crescimento do feijão**



Fonte: Arquivo da residente



Fonte: Arquivo da residente

Além do mais, esse contato com a escola antes mesmo da conclusão do curso é essencial para a formação docente, pois traz uma gama de experiência que é necessária para a atuação em sala de aula, de tal forma que possibilite a compreensão de como se dá o processo de ensino, que vai desde o currículo, planejamento, execução e, finalmente, a aprendizagem dos pequenos.

Atualmente, mesmo com toda a catástrofe gerada pelo vírus covid-19, que ocasionou o isolamento social e por consequente a suspensão das aulas presenciais, foi importante ter vivenciado as aulas remotas no âmbito escolar, principalmente, do outro lado da mesa, a dos professores, visto que foi sentido na pele como é difícil planejar as atividades a distância, manter a proximidade e afetividade com as crianças via aulas remotas, bem como, pensar em uma avaliação, sendo que os pais é que estão fazendo o papel de mediadores. Logo, cabendo ao professor, mesmo a distância tentar realizar um diagnóstico avaliativo do nível em que as crianças se encontram e dar o melhor de si para o desenvolvimento de cada uma.

## 6. CONCLUSÃO

Depois dos estudos realizados e do que produzimos no primeiro módulo do Programa Residência Pedagógica, podemos afirmar que foi uma significativa experiência de formação, a qual nos permitiu não só obter um grande conhecimento acerca do processo de ensino e aprendizagem, mas também acompanhar a escola em um período de adaptação. Visto que, no contexto da pandemia e suspensão das aulas presenciais, os professores atuantes na rede tiveram que se reinventar, fazendo uso de diversas ferramentas tecnológicas e buscando novas metodologias, a fim de manter o processo de ensino com atividades domiciliares, mas sem

deixar cair o rendimento e a aprendizagem de seus estudantes.

Mais do que nunca, no momento atual, a família está em parceria com escola, ambos lutando para manter a qualidade do processo de ensino e aprendizagem das crianças, porém cada família possui suas particularidades, assim, também sofrendo diversos obstáculos para ajudar seus filhos, pois, a falta de tempo, originada da carga extensiva do horário de trabalho, faz com que não sobre muito tempo para se dedicar ao estudo das crianças, havendo a necessidade de se desdobrarem nos momentos vagos. Outro desafio foi a adaptação do ambiente familiar, já que agora foi necessário organizar uma rotina e um ambiente de estudo para os estudantes, bem como a necessidade de obter servidores de internet e instrumentos tecnológicos, o que gera outro impasse, visto que nem todas as famílias possuem condições de obterem este recurso.

Como visto até aqui, todos tiveram que se adaptar à nova realidade, a remota, deste modo, os acadêmicos das Universidades Federais também estão passando por momento de dificuldade e adaptações, pois a suspensão das aulas presenciais das redes municipais e estaduais de ensino, interromperam o processo de unificação da teoria e prática, de forma presencial, que são proporcionados por meio de estágio obrigatório, remunerado, ou até mesmo programas como o Residência Pedagógica, que permeiam a prática dentro da rede escolar.

Mas, e agora, o que fazer? Ora, os professores das Universidades Federais também estão se reinventando para continuar a manter a qualidade da formação de seus acadêmicos, reorganizando o currículo das disciplinas, fazendo uso de ferramentas tecnológicas, organizando eventos e projetos que promovam aos acadêmicos o entendimento de como está sendo organizado o processo de ensino e aprendizagem nas redes escolares, sendo essa uma das práticas que mesmo a distância, nos permite entender a prática docente dos professores da rede, assim, unificando a teoria à prática.

Nas *lives* intituladas “Diálogos e boas práticas nos anos iniciais”, as professoras relataram suas boas práticas, bem como os obstáculos que surgiram e continuam surgindo no contexto das aulas remotas. Apesar de tudo, todas as professoras conseguiram vencer suas dificuldades, se reinventando, adaptando as suas práticas para ofertar um ensino de qualidade para suas crianças. Participar como ouvinte nas *lives* proporcionou grande aprendizagem, aumentando o repertório de conhecimento acerca das práticas pedagógicas do processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, acredita-se que a questão presente é tempo e esperança, estimando que os momentos difíceis passem logo, que as escolas voltem a todo o vapor, que as Instituições

Federais voltem fervorosas e ansiosas para proporcionar a melhor formação e, principalmente, que o velho abraço, aperto de mão, sorrisos e interações voltem e que voltem para ficar, permanecer na vida de todos, como era anteriormente.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017. Disponível em:<  
[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601anexo-textobnccreexportadopdf2&category\\_slug=dezembro2017pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601anexo-textobnccreexportadopdf2&category_slug=dezembro2017pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 23 out. 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. Ed, 6°. São Paulo: Contexto, 2016.

RIBEIRO, Simone. Alfabetização matemática: literatura e geometria integradas em uma experiência lúdica. In: CARNEIRO, Reginaldo Fernando; SOUZA, Antônio Carlos de; BERTINI, Luciane de Fátima (orgs.) **A matemática nos anos iniciais do ensino fundamental: práticas de aula e de formação de professores**. Brasília: SBEM, 2018. p.33-48. Disponível em: [http://www.sbembrasil.org.br/files/ebook\\_matematica\\_iniciais.pdf](http://www.sbembrasil.org.br/files/ebook_matematica_iniciais.pdf) Acesso em: 04 fev. 2021.